

Medium
Date
Web address

Web
23.Oct.2024

https://valor.globo.com/br-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml

Publication
Author

Valor Econômico
Bruno Yutaka Saito



Valor
ECONÔMICO

Impresso | Últimas

Entrar

Inhotim traz exposições sobre um paraíso sem homens e sobre medos que vão da infância à política

Instituto exhibe instalação de Pipilotti Rist, individual de Rivane Neuenschwander e obra comissionada de Rebeca Carapiá

Por **Bruno Yutaka Saito** — São Paulo

23/10/2024 05h19 · Atualizado há 9 horas



Com 'Homo sapiens sapiens', que está em Inhotim, Pipilotti Rist representou a Suíça na Bienal de Veneza em 2005 — Foto: Ícaro Moreno/Divulgação

Medium	Web	Publication	Valor Econômico
Date	23.Oct.2024	Author	Bruno Yutaka Saito
Web address	https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml		

Quando Adão e Eva comeram o fruto proibido, Deus ficou uma fera. Adquiriram o conhecimento, mas ao custo de serem enxotados do Paraíso. Culpa e punição, elementos recorrentes nas narrativas bíblicas, prontamente foram capturadas pela arte. Se o italiano Masaccio enfatizou a angústia do casal num afresco do século XV, a suíça Pipilotti Rist propõe uma visão alternativa, com menos dor e culpa, sobre o Jardim do Éden em “Homo sapiens sapiens” (2005). Agora, a instalação imersiva é montada pela primeira vez no país no Inhotim, em Brumadinho (MG). A obra, filmada no local antes de sua abertura ao público, em 2006, foi um dia cogitada para ter exibição permanente, mas fica em cartaz só até 2026.

Tanto o que está na obra em si quanto o contexto histórico acumulam camadas que amplificam a força da artista. Um dos nomes mais venerados da videoarte, Rist hoje é uma veterana com espaço cativo na genealogia do segmento, encabeçada pelo pioneiro Nam June Paik, e na cultura pop, ao ter seu vídeo “Ever Is Over All” (1997) copiado e exposto a milhões de pessoas por Beyoncé no clipe de “Hold Up” (2016), em que a cantora arrebenta vidros de carros.

Montada na Galeria Fonte do instituto, “Homo sapiens sapiens” imagina um Paraíso sem homens, habitado por ninfas nuas que correm felizes por campos e paisagens naturais. Efeitos de imagens caleidoscópicas, ampliações, ângulos e detalhes inusitados com lentes diversas, cores bem quentes e saturadas remetem tanto ao chroma key tosco e kitsch de clipes dos anos 70 e 80 quanto a padrões geométricos associados à psicodelia.

Medium
Date
Web address

Web
23.Oct.2024

<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml>

Publication
Author

Valor Econômico
Bruno Yutaka Saito



A instalação "Alegoria do Medo (Inhotim)" (2018-2024), de Rivane Neuenschwander — Foto: Ícaro Moreno/Divulgação

Medium	Web	Publication	Valor Econômico
Date	23.Oct.2024	Author	Bruno Yutaka Saito
Web address	https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml		

Teria baixo impacto e poderia ser simplesmente cafona e datado se fosse exibido num monitor de TV, mas representa um antídoto e alternativa à banalização das “exposições imersivas” picaretas em shoppings. Na área da entrada, o visitante é convidado a retirar o calçado, enquanto é banhado por um filtro de luz. Após passar por um corredor com tapetes, temos almofadas, pufes e poltronas à disposição para deitarmos, uma vez que a projeção é feita no amplo teto do espaço. Assim como uma igreja, o espaço da arte é um parênteses no cotidiano.

Desde a primeira vez em que foi exibido, no teto da igreja barroca de San Stae, durante a Bienal de Veneza de 2005, “Homo sapiens sapiens” conecta épocas separadas por séculos. Podia remeter ao trabalho de Michelangelo na Capela Sistina, mas à época houve rumores de que a visão antipatriarcal de Rist teria desagradado à igreja, que encerrou a instalação alegando problemas técnicos. Se hoje o discurso decolonial em relação a gênero, raça etc. antecede e substitui o que muitas obras de arte têm de fato a oferecer, naquele começo dos anos 2000 ainda havia um tanto de radicalidade em Rist, ainda que ela não se declare necessariamente feminista. “Homo sapiens sapiens” é mais uma utopia que surge antes do discurso político tradicional e de significado encapsulado, o que é sempre uma camisa de força para a arte. Por meio de imagens, Rist mostra que vida vem do feminino e lembra que o animal homem não está na natureza, ele é a natureza.

Medium
Date
Web address

Web
23.Oct.2024

<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml>

Publication
Author

Valor Econômico
Bruno Yutaka Saito



"Apenas Depois da Chuva", de Rebeca Carapiá — Foto: Ícaro Moreno/Divulgação

Medium	Web	Publication	Valor Econômico
Date	23.Oct.2024	Author	Bruno Yutaka Saito
Web address	https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml		

Um certo ar de retorno marca ainda outra exposição nova em Inhotim, “Tangolomango”, de Rivane Neuenschwander, artista brasileira com circulação internacional e com obras em acervos de museus como o MoMA (NY). Ela, que desde 2009 tem na casa-instalação “Continente/Nuvem” (2008) um dos pontos mais conhecidos do instituto, desta vez reúne trabalhos orbitando a questão do medo, assunto a que vem se dedicando nos últimos anos.

O déjà-vu vem não apenas de obras já exibidas em ocasiões anteriores, mas também desse estado psíquico compartilhado com outras espécies animais e ampliado em cargas simbólicas nos humanos. É na infância que o medo nos tira tanto o sono, e o enfrentamento a ele se faz uma etapa indispensável no amadurecimento emocional. Para Rivane, não passa despercebido o forte uso político de temores para a manipulação de eleitores e opinião pública.

A reflexão sobre o tema em forma de arte poderia empregar o desgastado e caricatural conceito de “lúdico”, tão em voga para enaltecer tudo que remeta a criança, a “sua majestade, o bebê”, conforme observou Freud, mas felizmente Rivane não utiliza atalhos. Estaríamos todos infantilizados?

São obras como a instalação “Alegoria do Medo (Inhotim)” (2018-2024), resultado de uma pesquisa da artista com crianças, que falavam sobre seus temores. A necessidade de elaboração, a tentativa de nomear aquilo que é indizível, se faz presente não só nessa etapa inicial da vida em que faltam palavras, mas seguem na maturidade. Aqui, por meio de projeções de transparências, sons e jogos de luzes, o divã vem disfarçado na forma de jogos e brincadeiras.

Medium	Web	Publication	Valor Econômico
Date	23.Oct.2024	Author	Bruno Yutaka Saito
Web address	https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/23/inhotim-traz-exposicoes-sobre-um-paraiso-sem-homens-e-sobre-medos-que-vao-da-infancia-a-politica.ghtml		

Há um tanto de infância em “V.G.T. (Ame-o ou Deixe-o)” (2023), um painel mecânico split-flap, daqueles usados antes dos displays digitais em aeroportos. Rivane, nascida em 1967, relembra o slogan dos tempos da ditadura que correspondem à sua infância, e cujo espírito antidemocrático retorna, depois de recalçado. As letras da antiga frase propagandística, uma espécie de precursora do “Vai pra Cuba”, são embaralhadas aleatoriamente e geram combinações sem sentido.

Nos painéis de “Zé Carioca e Amigos” (2005), a artista usa HQs do personagem que é “produto de uma estratégia norte-americana de colonização cultural na América Latina”, segundo o texto expositivo, mas retira os personagens. Aparecem apenas balões de diálogos, que são apagados para que o público preencha com giz. Na abertura, apareceram bate-bocas típicos de redes sociais. “Lula ladrão”, escreveu alguém, ao que respondem “roubou meu coração”. Em outro painel, o diálogo diz que “Jesus te ama, nunca esqueça”, ao que alguém escreve “Exu te ama”, seguido pela tréplica “não mais q Jesus” etc.

Assim como tantas questões do universo infantil, a brincadeira do “Tangolomango”, o nome da exposição, camufla, mas não muito, emoções e questões sombrias. Na estrutura circular da cantiga, em que a cada rodada uma pessoa tem um “tangolomango”, ou seja, some, morre, desaparece, é nada estranhamente familiar a um país que viu opositores do regime militar serem eliminados. Para não sermos vítimas de uma espécie de tragédia grega de profecias inescapáveis, cabe o velho oráculo psicanalítico, “recordar, repetir, elaborar”.

Completa a série de novas exposições de Inhotim a instalação “Apenas Depois da Chuva”, de Rebeca Carapiá. Nessa obra comissionada pela instituição, a artista nascida em Salvador criou 20 esculturas em ferro que reproduzem os desenhos ligados à sua reflexão sobre água e território desenvolvida num período de pesquisa na Serra da Capivara (PI).

O jornalista viajou a convite do Instituto Inhotim